

Ano XX nº 5787 – 06 abril de 2018

5º Congresso da Contraf-CUT começa hoje



A Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf-CUT) realiza, a partir de hoje, o seu 5º Congresso, em São Paulo

Até domingo (8), os delegados eleitos em seus sindicatos definirão a nova direção executiva e seus suplentes, o conselho fiscal e seus suplentes e o conselho diretivo da Contraf-CUT. Eles debaterão ainda alterações Estatutárias e a linha política e organizativa da Confederação.

“Este é o momento mais importante para a Contraf-CUT, pois é quando nortearmos nossas ações para o próximo período, que se apresenta um cenário de muita dificuldade, com um novo tipo de negociação na Campanha Nacional, devido às alterações estabelecidas pela reforma trabalhista, e em ano de eleições, que será de fundamental para o futuro do Brasil”, afirmou Roberto von der Osten, presidente da Contraf-CUT.

Os diretores do SindBancários Petrópolis, Marcos Alvarenga e Carla Leite participam deste 5º Congresso representando nossa entidade.

Economia do país está muito longe do ideal

A economia do país está distante de se recuperar. Diferente do que é mostrado pelo governo, 2018 começou em contração. O otimismo de Temer é desmentido a cada resultado.

Desemprego, custo de vida elevado, salário rebaixado. O cenário não é nada bom e o brasileiro sente na pele.

O índice de desemprego atingiu 12,7 milhões de pessoas. Para piorar, a informalidade predominou as poucas vagas criadas no último período. Mais um sinal de que a nova lei trabalhista só veio para prejudicar o trabalhador. O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) ainda aponta queda de 1,9% no setor de serviços, o que mais emprega no Brasil.

A política de cortes do governo Temer é apontada com um dos principais motivos para sufocar cada vez a economia nacional. A exemplo da Emenda Constitucional do teto de gastos, que impede investimentos públicos em áreas essenciais, como educação e saúde.

Privatizações deixam país vulnerável à crises

As privatizações desenfreadas, como quer o governo Temer, além de não resolverem o déficit fiscal, tornam o Brasil ainda mais vulnerável a crises econômicas futuras. É o que diz o Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos).

Temer repete o mesmo "filme" do governo FHC, na década de 1990. A ideia era entregar o país ao grande capital. A grande questão é que as desestatizações não foram capazes de sanar a crise. Entre 1995 e 2003, a dívida líquida do setor público subiu de 28% para 52% do Produto Interno Bruto.

Outra questão é que, ao contrário do propagado pelo governo, as vendas não aumentaram a eficiência dos serviços, a exemplo da política de privatização do setor elétrico, que levou à "crise do apagão", em 2001.

Através do Programa de Parcerias de Investimento, Temer quer privatizar diversos setores, como o elétrico, mineração, saneamento, transportes e infraestrutura. Os bancos públicos também estão na mira. Assim como a Casa da Moeda.

